

As construções do tipo *foi fez*

Angélica T. C. Rodrigues¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
angelica@iel.unicamp.br

Abstract. *This paper examines the foi fez constructions (FFCs) (lit. went did constructions) in spoken Brazilian Portuguese. As FFCs share features with coordinate, auxiliary and serial verb constructions, they can be analyzed as a member of a continuum of complex predicates. However, as far as Portuguese is concerned, the FFCs constitute a distinctive class of constructions.*

Keywords. *Construções; coordenação; verbos auxiliares; verbos seriais.*

Resumo. *Este artigo analisa as “construções do tipo foi fez” (CFFs) presentes na modalidade falada do português brasileiro. Uma vez que compartilham propriedades com construções coordenadas, construções com verbo auxiliar e com verbos seriais, as CFFs podem ser analisadas como membro de um continuum de construções de predicação complexa. Contudo, no que tange ao português, as CFFs constituem um tipo distinto de todos os outros tipos de construções gramaticais.*

Palavras-chave. *Construções; coordenação; verbos auxiliares; verbos seriais.*

Introdução

Este trabalho analisa uma distinta classe de construções, presente na modalidade falada do português brasileiro, identificada como “construções do tipo *foi fez*” (CFFs)¹. As afirmações e descobertas a serem apresentadas baseiam-se num *corpus* de 390 dados que constituem amostras reais de fala coletadas a partir do banco de dados elaborado por pesquisadores e bolsistas do Projeto PEUL da Universidade Federal do Rio de Janeiro². Para sustentar algumas de minhas hipóteses, trabalhei com 7 grupos de fatores linguísticos que foram operacionalizados através do pacote VARBRUL, principalmente do programa MAKECELL. Os grupos de fatores foram propostos a partir da necessidade de se compreender melhor as especificidades morfossintáticas das CFFs. Desse modo, examinei essas construções tendo em vista (a) tempos e modos verbais de V1 e V2; (b) pessoa do discurso; (c) correferencialidade dos sujeitos; (d) formas de expressão dos sujeitos; (e) presença de material interveniente entre V1 e V2; (f) tipo de material interveniente; e (g) traço semântico de V2. Esclareço que o conceito de grupo de fatores, que remete à Teoria da Variação, é usado neste trabalho apenas como recurso heurístico. Faço isso por acreditar que os pressupostos inerentes às análises variacionistas garantem que todas as ocorrências sejam investigadas de forma coerente e sistemática à luz das mesmas categorias gramaticais. Sabe-se, no entanto que os fenômenos analisados neste trabalho não constituem casos de variação linguística *stricto sensu*.

Como são as CFFs?

As CFFs formam-se a partir de uma seqüência mínima de V1 e V2, em que V1 e V2 compartilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais. V1 é um dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar* e V2 é relativamente livre. V1 e V2 podem estar conectados pela conjunção *e* (tipo 1) ou podem estar justapostos (tipo 2), como nos exemplos (1) e (2) respectivamente:

- (1) a. [A gente]- a gente que fica lá embaixo, brincando. [Que]- que que a gente vai fazer aqui em cima? Meu pai está no trabalho, minha me fica estudando negócio aí da jafra, que ela está fazendo, minha irmã fica com o namorado dela, eu vou ficar olhando assim; ***eu vou e desço***. Eu e meu irmão ("fica") jogando pingue-pongue.
- b. Chega lá, [você não]- você não entende, não fala castelhano, fica o rádio faiano castelhano, como é?-" "Ih, mas é mesmo! Aí, não quero não." (rindo) ***chegou e devolveu o rádio***. (risos) Essa é uma, essa é uma das. (risos) e aí, por aí a fora, não é?
- c. Prefiro [não]- não fazer [não] não continuar não. Vou terminar meus estudos primeiro, aí, depois, eu vou ver! Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal- falei: "Ah! Mas não vou continuar não, porque não vai dar." Aí, ***eu peguei e saí do coisa***. Aí, continuou a amizade e tal, mas, aí, ***eu peguei e saí***.
- (2) a. Então ela chegou para mim e falou: "Cristina, aí, tem um concurso aí da Gretchen- você está a fim de entrar?" Antes de ser a rainha do carnaval, falei: "Pô, Margarida, até que é uma boa, vou entrar." E na época a Gretchen usava aqueles shortezinho bem entrando lá mesmo, não é? ***Aí eu peguei falei***: "Tudo bem. Eu vou entrar. ***Aí, minha mãe foi fez um short para mim de cetim branco***, um collant azul, sandália alta, não é?
- b. Ele se mantém também tem um (inint), ele está com trinta e poucos ano, mas mantém a forma. Porque, senão, ***a pessoa chega começa a ficar barriguda***.
- c. " Ele disse: "não, não desliga não que eu quero lhe falar uma coisa." Eu não estou conhecendo a voz mesmo. Eu disse: "olha, vou desligar, hein? Até amanhã." ***Ele pegou deu uma gargalhada***. eu disse: "espera aí, fala outra vez." Aí ele falou, eu disse: ", bandido, você me acordando agora e tal." (riso).

A Tabela 1 permite três conclusões a respeito das CFFs. A primeira conclusão é que as construções de tipo 2 [- CONJ] são mais freqüentes no *corpus* do que as de tipo 1 [+ CONJ]. A segunda conclusão é que *ir* e *pegar* ocorrem mais em construções de tipo 2 [- CONJ] enquanto *chegar* ocorre mais em construções de tipo 1 [+ CONJ]. A terceira conclusão é que o verbo *ir* ocorre mais freqüentemente como V1 nas CFFs do que *pegar* e *chegar*.

Tabela 1: Frequência dos tipos de CFFs e dos verbos na posição V1

V1 \ Tipo de CFFs	Tipo 1		Tipo 2		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
IR	79	35	143	65	222	57
PEGAR	26	31	59	69	85	22
CHEGAR	59	72	24	28	83	21
Total	164	42	226	58	390	100

Os verbos *ir*, *chegar* e *pegar* sofrem alterações sintáticas e semânticas significativas quando usados no contexto das CFFs se cotejados a seus empregos nocionais. A principal mudança sofrida por esses verbos é semântica. *Ir* e *chegar* na sua acepção [+ concreta] são verbos de movimento deiticamente orientados. *Ir* representa um movimento na direção oposta ao centro dêitico, enquanto *chegar* representa um movimento em direção ao centro dêitico. Contudo quando usados nas CFFs, esses verbos perdem essa noção semântica de movimento.

O verbo *pegar*, por sua vez, além de ter sua semântica esvaziada, sofre também uma mudança sintática mais significativa. Como verbo pleno, *pegar* é um verbo transitivo, no sentido clássico, e significa “agarrar”, “tomar posse”. No entanto, nas CFFs, *pegar* não subcategoriza objeto direto. Há que se destacar que, embora se verifique uma alteração semântica clara na maioria dos casos de CFFs, o *corpus* traz ainda vários exemplos ambíguos.

Advérbios, pronomes reflexivos, sujeitos pospostos e outros elementos, diferentes da conjunção *e*, podem ocorrer como material interveniente entre V1 e V2, tanto nas construções de tipo 1 [+ CONJ] como nas de tipo 2 [- CONJ]. Destaque especial para o grande número de ocorrências da partícula *lá*. As CFFs com *pegar*, no *corpus*, não apresentaram nenhum tipo de material interveniente além da conjunção *e* e do advérbio de negação.

As CFFs caracterizam-se pela realização do sujeito em V1 sendo que em 100% dos exemplos os sujeitos de V1 e V2 são correferenciais. Os sujeitos são preferencialmente pronominais (anáfora pronominal), seguidos por ordem de frequência por sujeitos nulos (anáfora zero) e sintagma nominal pleno. Registrei também algumas outras poucas ocorrências de sujeitos oracionais e orações sem sujeito.

O tempo verbal mais usado nas CFFs é o pretérito perfeito, embora tenha sido registrado um grande número de ocorrências no presente do indicativo. O alto número de construções no pretérito perfeito deve ser analisado tendo em vista o contexto de narrativa em que as CFFs mais frequentemente emergem. No que tange ao modo verbal, tanto indicativo quanto subjuntivo são usados, sendo que o primeiro é predominante. O maior uso do modo indicativo representa um reflexo estatístico dos dados, na medida em que este é de fato o modo mais usado na modalidade falada. Vale relembrar que V1 e V2 compartilham a mesma flexão verbal.

Na grande maioria dos dados, V2 é um verbo que expressa ação, em que figuram os traços [+ dinâmico] e [+ controle]. Independentemente do tipo de verbo que ocupa a posição V1, os verbos de elocução (dicendi) aparecem na segunda posição no *ranking* dos tipos de predicados mais usados. Contudo, há uma série de outros casos em que V2 pertence a classes semânticas diferentes. Em (3), por exemplo, V2, “ver”, é um verbo perceptivo:

- (3) A única coisa que eu acho que ele fez- eh... por enquanto de bom, foi a época que o real tava... tava pau-a-pau com o dólar... mas que depois quando ele só conseguiu se reeleger, foi que *a gente foi e viu... que o real... tava, né? desmoronando.*

Já em (4), V2, “pensar”, é um verbo de atividade mental:

- (4) A mulher bateu um papo com ele, disse que não estava apaixonada por ele, não sei o quê. *Aí ele foi pensou raciocinou*, não é? Aí <fi...> descobriu também que estava apaixonado pela outra.

Uma outra característica das CFFs diz respeito ao seu padrão de negação, que, por sua vez, representa um de seus traços mais idiossincráticos, tanto no que se refere às demais construções do português quanto às construções similares presentes em outras línguas. A negação das CFFs se dá de modo que V1 nunca recebe negação, que, por sua vez, é sempre adjacente e só se aplica a V2:

- (5) E- E você é supersticiosa?
F- Está aí. Eu não sei lá. Eu- tem gente que fala: "faz mal passar por debaixo de escada". *Aí eu vou e não passo.* Mas se tiver que passar, eu passo.

As propriedades morfossintáticas das CFFs são de certa forma muito coerentes, uma vez que podem ser sistematicamente verificadas no *corpus*. A análise das propriedades semânticas dessas construções, todavia, revela um quadro diferente. Uma primeira interpretação apressada associaria o uso dessas formas a aspecto verbal. Inclusive esse é um valor frequentemente observado em construções semelhantes às CFFs presentes em outras línguas. No entanto, uma análise detalhada dos exemplos evidencia que as CFFs não constituem um grupo unificado de construções no que tange ao seu significado e ao tipo de contexto em que elas podem emergir. Apesar disso, acredito que há uma função única que resiste em todos os casos de CFFs. Defendo que as CFFs têm uma função discursivo-pragmática de dramatizar ou enfatizar os eventos codificados em V2. Logo, as CFFs atuam de modo a dar destaque àquele trecho discursivo em que estão inseridas.

Categorizando as construções do tipo foi fez

As CFFs e as construções coordenadas

As CFFs apresentam uma certa proximidade sintática com as cláusulas coordenadas, na medida em que ambas estruturas se caracterizam por uma seqüência de dois ou mais verbos flexionados, conectados ou não por *e*. Na coordenação, contudo, os eventos descritos mantêm uma relação semântica de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade, que é determinada pelo tempo verbal usado. Já no caso das CFFs, tal relação semântica não se verifica, pois V1 nunca representa uma ação ou um evento separado de V2. V1 e V2, nas CFFs, nunca expressam seqüencialidade nem simultaneidade de eventos. Isso porque as CFFs jamais descreverão eventos distintos, visto que V1 nunca representa uma proposição e essa é uma característica decisiva para distinguir as CFFs das orações coordenadas.

Constato assim que a noção de evento é crucial para explicar porque as CFFs não podem ser analisadas como uma instância de casos de coordenação. Essa distinção é, no entanto, referendada por outras características sintáticas, tais como apresentadas em (6):

(6) Características que distinguem as CFFs das cláusulas coordenadas:

1. Nas cláusulas coordenadas, os sujeitos podem ser compartilhados ou não. Já nas CFFs, V1 e V2 sempre compartilham o mesmo sujeito.
2. Cláusulas coordenadas que têm sujeitos correferenciais têm uma tendência em marcar o sujeito apenas em V1, sendo que o sujeito em V2 é anafórico (anáfora zero). Contudo, se os sujeitos aparecem explícitos em todas as cláusulas não há nenhuma mudança semântica substancial. Já nas CFFs, a ocorrência de sujeito em V2 é muito marcada e foi apenas verificado em muitos poucos casos no *corpus*.
3. Os verbos de cláusulas coordenadas em português não precisam compartilhar a mesma flexão, embora algumas vezes isso aconteça. Nas CFFs, os verbos sempre compartilham flexão.
4. Nas cláusulas coordenadas, os verbos podem ser negados separadamente ou não. Já nas CFFs, o marcador de negação, o advérbio *não*, sempre precede e só tem escopo sobre V2.
5. As cláusulas coordenadas apresentam um grau de liberdade sintática totalmente bloqueado nas CFFs, que possuem uma ordem sintática fixa.

As CFFs e as construções com verbo auxiliar

Pontes (1973), Lobato (1975), Ilari (1997), Campos & Longo (2002) e Castilho (2002) propõem alguns critérios relevantes para a classificação de verbos auxiliares em português. Dentre esses critérios destaco aqueles apresentados em (7) como sendo também relevantes para as CFFs, o que assinala uma aproximação entre as duas estruturas:

(7) Características que aproximam as CFFs das construções com verbo auxiliar (CVAs):

6. As CVAs e as CFFS possuem apenas um argumento sujeito;
7. Nas CVAs e nas CFFS, é impossível o desdobramento da oração em construções com conjunção integrante *que* ou *se*;
8. Nas CVAs e nas CFFS, o escopo de circunstante temporal deve ser sobre toda a construção;
9. As CVAs e as CFFS não aceitam forma passiva;
10. Nas CVAs e nas CFFS, o número de verbos que podem ocupar a posição de verbo auxiliar e de V1 é restrito;
11. As CVAs e as CFFS não admitem pronominalização.
12. Nas CVAs e nas CFFS, o primeiro verbo sofre alterações de significado;

Entretanto, as características apresentadas em (8) são suficientemente importantes para a distinção entre as construções com verbo auxiliar e as CFFs:

(8) Características que distinguem as CFFs das construções com verbo auxiliar (CVAs):

13. Nas CVAs, V1 é o verbo auxiliar, não lexical, e é responsável por toda informação relacionada com o predicado, como marcadores flexionais de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade e negação. Já nas CFFs, V1 e V2 apresentam marcadores flexionais de pessoa e número e de tempo e modos verbais e apenas V2 pode receber negação;
14. Na presença de um auxiliar, o verbo principal é normalmente uma forma nominal. Nas CFFs, V1 e V2 compartilham flexão.

Acredito que os padrões de flexão e de negação comprovam que as CFFs não podem ser tomadas como instância de casos de auxiliarização, assim como esse fenômeno é entendido no âmbito do PB. Ademais, as CFFs não possuem uma função gramatical explícita como as construções com verbos auxiliares, que são responsáveis pela codificação de tempo, aspecto e modalidade³.

As CFFs e as construções com verbos seriais

As primeiras descrições de construções com verbos seriais incluíam-nos dentro de uma classe muito fechada e com ocorrência em línguas não-européias faladas em certas regiões, como oeste da África, sudeste da Ásia, Papua Nova Guiné, Oceania e América Central. Os verbos seriais eram analisados de modo que sua forma e seu significado pareciam se distinguir de todas as classes de verbos até então descritas. No entanto, alguns estudos mostraram que, ao contrário do que se pensava, a classe identificada como a de verbos seriais não era tão bem delimitada e que sua ocorrência era muito mais abrangente. Nesse embate, inúmeras descrições de verbos seriais foram e são propostas, o que evidencia que é impossível definir “verbos seriais” uniformemente, já que cada vez mais esse termo tem sido usado para identificar diferentes “tipos” de verbos seriais encontrados em diversas línguas.

Estudiosos desse fenômeno passaram então a analisá-lo com base não em um critério mas em um conjunto de propriedades. Os trabalhos de Lane (1991) e Pawley & Lane (1998), por exemplo, destacam algumas propriedades como relevantes para descrever formalmente pelo menos um importante sub-grupo de construções com verbos seriais (CVSs). As CVSs são assim identificadas como construções que, entre outras características, têm mais de um verbo, em que não há, entre eles, nenhum contraste de flexão verbal e de pessoa/número do sujeito ou agente.

Pawley & Lane (1998:208) reconhecem ainda a existência de subtipos de serialização verbal que podem ser identificados a partir do escopo da negativa e dos advérbios. Tais subtipos foram identificados por exemplo em Barai, uma língua falada na Papua Nova Guiné. Esses subtipos foram igualmente classificados como serialização nuclear e marginal. Na serialização nuclear, o morfema de negação precede o primeiro verbo na CVS e o escopo semântico da negação está necessariamente sobre os dois verbos. Na serialização marginal, por sua vez, cada verbo pode ser negado separadamente.

A relação entre as CVSs e as construções semelhantes às CFFs presentes em outras línguas foi primeiramente proposta por Pullum (1990) e posteriormente também por Hopper (2000), Stefanowitsch (1999, 2000) e Arnaiz & Camacho (1999). No entanto, nenhum desses autores esclarece adequadamente em que nível essas similaridades se dão, o que leva à conclusão de que apenas um fator parece ter sido considerado. Para aqueles autores, a única semelhança entre as construções descritas e as CVSs parece se resumir à ocorrência de uma seqüência de dois ou mais verbos, flexionados ou não, numa mesma cláusula. Arnaiz & Camacho (1999:1) acrescentam que dentre os tipos de CVSs, alguns se caracterizam pela presença de um conjunção entre os verbos envolvidos, tal como as construções estudadas por esses autores.

Há controvérsias no tocante à possibilidade de presença de algum elemento de ligação entre verbos seriais. O fato é que, em algumas línguas, verbos seriais aparecem conectados por uma conjunção.

Com base nos trabalho de Lane (1991) e Pawley & Lane (1998) é possível admitir importantes semelhanças entre CVSs e CFFs, que podem ser observadas a partir das características apresentadas em (9):

(9) Características compartilhadas pelas CFFs e as CVSs:

15. a construção possui mais de um verbo flexionado;
16. não há contraste entre as flexões verbais desses verbos, como por exemplo, para categorias como tempo, modo, aspecto, pessoa/número do sujeito ou agente;
17. a negação pode ter escopo sobre apenas um verbo;
18. há compartilhamento de argumento externo sujeito;
19. a construção descreve apenas um evento;
20. alguns tipos apresentam uma conjunção coordenada ligando V1 e V2.

Inúmeros trabalhos de orientação funcionalista consideram a serialização verbal como uma das maneiras possíveis de se integrar layers (camadas) de uma cláusula (Pawley & Lane 1998). Lehmann (1988:191), por exemplo, prevê que CVSs estão claramente relacionadas com a gramaticalização de integração de cláusulas. Assumindo que serialização verbal é um fenômeno que deve ser também interpretado tendo em vista a integração de cláusulas, podemos vislumbrar um continuum que acomode tanto as orações coordenadas como as CVSs e as CFFs.

Concluo, finalmente, que as CFFs devem ser categorizadas como uma classe diferente de construção, porque, embora em termos da tipologia lingüística, possam ser descritas como parte de uma grande família de tipos de construções de predicação complexa, no que tange ao PB, representam um tipo de construção diferente de todas os demais tipos até o momento analisados. As CFFs exibem propriedades que não são compartilhadas por nenhuma outra construção do português, o que as caracteriza como uma construção gramatical singular. Acredito que o padrão de flexão, as mudanças semânticas sofridas por V1 e, especialmente, o padrão de negação devem ser destacados, pois representam importantes propriedades capazes de assegurar seu caráter construcional independente.

Notas

¹ Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior em desenvolvimento no curso de doutorado em lingüística sob a orientação da Professora Doutora Maria Luiza Braga.

² Agradeço aos pesquisadores da UFRJ pela concessão dos materiais para a realização deste trabalho.

³ Os verbos modais são muitas vezes excluídos do conjunto de auxiliares por vários autores, como, por exemplo, Campos & Longo (2002).

Referências Bibliográficas

ARNAIZ, A. & CAMACHO, J. A Topic Auxiliary in Spanish. In: Gutiérrez-Rexach, J. & Martínez-Gil, F. (eds.) *Advances in Hispanic Linguistics*. Boston: Cascadilla Press, 1999.

CASTILHO, Ataliba. Aspecto Verbal no português falado. *Gramática do Português Falado, Vol. VIII: Novos estudos descritivos*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2002. p.83-121.

HEINE, Bernd. *Auxiliares: Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, Paul. Hendiadys and Auxiliation in English In: BYBEE, J., NOOMAN, M. (eds.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 145–173.

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo/SP: Contexto, 1997.

- LANE, Jonathan. *Kalam serial verb constructions*. MA thesis, Dept. of Anthropology, University of Auckland. 1991.
- LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p.181-225.
- LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. *Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade*. Análises Lingüísticas. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1975. p. 27-91.
- LONGO, Beatriz de O. & Campos, Odette de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. *Gramática do Português Falado*, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2002. p.445-497.
- PAWLEY, Andrew & LANE, Jonathan. From event sequence to grammar: Serial verb constructions in Kalam. In: SIEWIERSKA, A. and SONG, J. J. (eds.) *Case, Typology and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. p.201-227.
- PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em Português*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1973.
- PULLUM, Geoffrey K. Constraints on intransitive quasi-serial verb constructions in modern colloquial English. In: Joseph, B. D. and Zwicky, A. M. (eds) *When verbs collide: Papers from the 1990 Ohio State Mini-conference on Serial Verbs*. The Ohio State University, Department of Linguistics, 1990.
- STEFANOWITSCH, Anatol. *The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: Image-Schema Blending and the Construal of Events*. In: Nordquist, D. & Berkenfield, C. Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society, 1999.